

## LITTERATURA

## O PROGRAMMA

Tambem eu nasci na Arcadia  
SCHILLER.

## I

## LICÇÃO DE MESTRE-ESCOLA

— Rapazes, tambem eu fui rapaz, disse o mestre, o Pitada, um velho mestre de meninos da Gambôa, no anno de 1850; fui rapaz, mas rapaz de muito juizo, muito juizo... Entenderam?

— Sim, senhor.

— Não entrei no mundo como um desmiolado, dando por paus por pedras, mas com um programma na mão... Sabem o que é um programma?

— Não, senhor.

— Programma é o rol das cousas que se não de fazer em certa occasião; por exemplo, nos espectaculos, é a lista do drama, do entremez, do bailado, se ha bailado, um passo a dous, ou cousa assim... É isso que se chama programma. Pois eu entrei no mundo com um programma na mão; não entrei assim á toa, como um preto fugido, ou pedreiro sem obra, que não sabe aonde vae. Meu proposito era ser mestre de meninos, ensinar alguma cousa pouca do que soubesse, dar a primeira fôrma ao espirito do cidadão... Dar a primeira fôrma (entenderam?) dar a primeira fôrma ao espirito do cidadão...

Calou-se o mestre alguns minutos, repetindo consigo essa ultima phrase, que lhe pareceu engenhosa e galante. Os meninos que o escutavam, (eram cinco e dos mais velhos, dez e onze annos), não ousavam mexer com o corpo nem ainda com os olhos; esperavam o resto. O mestre, em quanto vivava e revirava a phrase, respirando com estrepito, ia dando ao peito da camiza umas ondulações que em falta de outra distracção, recreiavam interiormente os discipulos. Um destes, o mais travesso, chegou ao desvario de imitar a respiração grossa do mestre, com grande susto dos outros, pois uma das maximas da escola era que, no caso de se não descobrir o autor de um delicto, fossem todos castigados; com este systema, dizia o mestre, anima-se a delação, que deve ser sempre uma das mais solidas bases do Estado bem constituido. Felizmente, elle nada viu, nem o gesto do temerario, um pirralho de dez annos, que não entendia nada do que elle estava dizendo, nem o beliscão de outro pequeno, o mais velho da roda, um certo Romualdo, que contava onze annos e tres dias; o beliscão, note-se, era uma advertencia para chamal-o á circumspecção.

— Ora, que fiz eu para vir a esta profissão? continuou o Pitada. Fiz isto: desde os meus quinze ou dezeseis annos, organizei o programma da vida: estudos, relações, viagens, casamento, escola; todas as phases da minha vida foram assim previstas, descriptas e formuladas com antecedencia...

Daqui em deante, o mestre continuou a exprimir em tal estylo, que os meninos deixaram de entendê-lo. Occupado em escutar-se, não deu pelo ar do meio dia. Era tempo de mandar embora esse da escola, que tinha de jantar para voltar ás horas. Os meninos saíram pulando, alegres, esbaforçados até da fome que os devorava, pela ideia de ir livres de um discurso que podia ir muito mais longe. Com effeito, o mestre fazia isso algumas vezes; com os discipulos mais velhos para ingerir-lhes uma reflexão moral ou uma narrativa ligeira e sa-

Em certas occasiões, só dava por si muito depois da hora do jantar. Desta vez não a excedera, e ainda bem.

## II

## DE COMO ROMUALDO ENGENDROU UM PROGRAMMA

A ideia do programma fixou-se no espirito do Romualdo. Tres ou quatro annos depois, repetia elle as proprias palavras do mestre; aos dezeseite, ajuntava-lhes alguns reparos e observações. Tinha para si que era a melhor licção que se podia dar aos rapazes, muito mais util do que o latim que lhe ensinavam então.

Uma circumstancia local incitou o joven Romualdo a formular tambem o seu programma, resolute a cumpril-o: refiro-me á residencia de um ministro, na mesma rua. A vista do ministro, das ordenanças, do *coupe*, da farda, accordou no Romualdo uma ambição. Porque não seria elle ministro? Outra circumstancia. Morava defronte uma familia abastada, em cuja casa eram frequentes os bailes e recepções. De cada vez que o Romualdo assistia, de fóra, a uma dessas festas solemnes, á chegada dos carros, á descida das damas, ricamente vestidas, com brilhantes no collo e nas orelhas, algumas no toucado, dando o braço a homens encasacados e apumados, subindo depois a escadaria, onde o tapete amortecia o rumor dos pés, até irem para as salas allumiadas, com os seus grandes lustres de crystal, que elle via de fóra, como via os espelhos, os pares que iam de um a outro lado, etc.; de cada vez que um tal espectáculo lhe namorava os olhos, Romualdo sentia em si a massa de um amphytrião, como esse que dava o baile, ou do marido de alguma daquellas damas titulares. Porque não seria uma cousa ou outra?

As novellas não serviam menos a incutir no animo do Romualdo tão excelsas esperanças. Elle apprendia nellas a rhetorica do amor, a alma sublime das cousas, desde o beijo materno até o ultimo graveto do matto, que eram para elle, irmãmente, a mesma producção divina da natureza. Além das novellas, havia os olhos das rapariguinhas da mesma idade, que eram todos bonitos, e, cousa singular, da mesma cor, como se fossem um convite para o mesmo banquete, escripto com a mesma tinta. Outra cousa que tambem influiu muito na ambição do Romualdo foi o sol, que elle imaginava ter sido creado unicamente com o fim de o allumiar, não allumiando aos outros homens, se não porque era impossivel deixar de fazel-o, como acontece a uma banda musical que, tocando por obsequio a uma porta, é ouvida em todo o quarteirão.

Temos, pois, que os esplendores sociaes, as imaginações litterarias, e, finalmente, a propria natureza, persuadiram ao joven Romualdo a cumprir a licção do mestre. Um programma! Como é possivel atravessar a vida, uma longa vida, sem programma? Viaja-se mal sem itinerario; o imprevisito tem cousas boas que não compensam as más; o itinerario, reduzindo as vantagens do casual e do desconhecido, diminue os seus inconvenientes, que são em maior numero e insupportaveis. Era o que sentia Romualdo aos dezoito annos, não por essa fôrma precisa, mas outra, que não se traduz bem senão assim. Os antigos, que elle começava a ver atravez das lunetas de Plutarcho, pareciam-lhe não ter começado a vida sem programma. Outra inducção que tirava de Plutarcho é que todos os homens de outr'ora foram nada menos do que aquelles mesmos heroes biographados. Obscuros, se os houve, não passaram de uma ridicula minoria.

— Vá um programma, disse elle; obedeçamos ao conselho do mestre.

E formulou um programma. Estava então entre dezoito e dezenove annos. Era um guapo rapaz, ardente, resolute, filho de paes modestissimos, mas cheio de alma e ambição. O programma foi escripto no coração, o melhor papel, e com a vontade, a melhor das pennas; era uma pagina arrancada ao livro do destino. O destino é obra do homem. Napoleão fez com a espada uma coroa, dez coroas. Elle, Romualdo, não só seria esposo de alguma daquellas formosas damas, que vira subir para os bailes, mas possuiria tambem o carro que costumava trazer-a. Litteratura, sciencia, politica, nenhum desses ramos deixou de ter uma linha especial. Romualdo sentia-se bastante apto para uma multidão de funcções e applicações, e achava mesquinho concentrar-se n'uma cousa particular. Era muito governar os homens ou escrever *Hamlet*; mas porque não reuniria a alma delle ambas as glorias, porque não seria um Pitt e um Shakespeare, obedecido e admirado? Romualdo ideava por outras palavras a mesma cousa. Com o olhar fito no ar, e uma certa ruga na testa, antevia todas essas victorias, desde a primeira decima poetica até o carro do ministro de Estado. Era bello, forte, moço, resolute, apto, ambicioso, e vinha dizer ao mundo, com a energia moral dos que são fortes: logar para mim! logar para mim, e dos melhores!

(Continua.)

MACHADO DE ASSIS.

## VARIEDADE

## A FELICIDADE NO LAR

Cartas de uma mãe a sua filha

## VI

OS CREADOS  
(Continuação)

A excepção não é a regra. Si não ha creados sem defeito, poucos ha todavia que se pareçam com os que acabo de citar.

É necessario que o creado seja de uma pessima indole para que os seus defeitos se não corrijam ante a equidade, a doçura e a paciencia dos amos.

A doçura e a paciencia são qualidades sem as quaes uma dona de casa não pôde obter bons serviços.

Essas qualidades são-lhe indispensaveis, não só para ganhar a affeição dos que a servem, como tambem para que lhe obedeam.

A mulher que comprehende a sua dignidade sabe poupar a dos seus inferiores, e neste particular não me inspira recção.

Bem sei que não fallarás nunca a tua creada sinão no tom peculiar a uma ama boa, indulgente e bem educada.

Si eu ligo, por um lado, grande importancia a que os creados sejam bem tractados, por outro lado exijo destes o mais profundo respeito e a mais completa submissão.

Quando fallares de teu marido á tua creada, dirá sempre: O amo, afim de que ella não empregue nunca outra denominação para o designar.

Não admittas observações sobre aquillo que houveres ordenado.

Já não estamos no tempo em que os servidores, convencidos da superioridade de instrucção e educação de seus amos, testemunhavam deferencia pelas suas opiniões e uma confiança sem limites no que elles diziam.

Hoje não ha um que não julgue apto para julgar de tudo e discernir sabiamente sobre todas as questões.

O melhor é não ter com elles conversas, excepto as que se referirem ao serviço de casa, porque sinão expomos-nos a ouvir-os mais dia menos dia refutar as nossas asserções, o que vem a acabar em falta de respeito.

É conveniente conserval-os a certa distancia, mas com benevolencia, com affabilidade, e de modo que elles se não sintam humilhadas.

Quando a creada commetter uma falta no serviço, tu a advertirás, sem contudo lhe dirigir censuras desagradaveis. Bastará que ella saiba que percebeste a sua falta, e comprehenda que não deve commetter-a outra vez.

Dirijir-lhe uma observação diante de estranhos será humilhá-la inutilmente e indispol-a contra ti.

Recomendo-te acerca da creada o que já te recomendei com respeito á casa.

Procura mais com vagar.

Não tomes para teu serviço uma rapariga cuja probidade não conheças.

Procede com prudencia: faz-lhe vêr claramente todas as tuas condições. Que não haja surpresa, nem de um lado nem do outro.

Mudar frequentemente de creada não prejudica só a paz do lar, a ordem da casa: prejudica ainda mais a reputação desta ultima.

Ao cabo de algum tempo, os bons creados não se atreverão a apresentar-se, porque attribuem a frequencia dessas mudanças ás exigencias e á inconstancia dos amos.

Eis por agora tu'o o que me occorre dizer-te acerca dos creados. Parece-me que esta questão te preoccupa mais do que deve. Voltaremos certamente a este assumpto a proposito de outros pontos que ainda temos de estudar.

Adeus, minha boa filha; não me esquece o cantinho attrahente que me reservaes no vosso ninho suave.

Tomara-me já vêr lá; infelizmente não posso fixar a epocha. Nem si quer te posso dar a esperanza de que esteja proxima!

JULIA F.

## DIA DE REIS

Não ha parte alguma do mundo onde o povo não tenha um certo numero de costumes, usanças, crenças e festas que tradicionalmente passam de paes a filhos, e que resistem ás revoluções humanas, e ainda mais — ao Tempo — esse implacavel deholidor de seculos e gerações.

Pela grande ampulheta do tempo passam os mezes, os annos, os seculos e com elles milhares de gerações e monumentos que desaparecem, que mergulham para sempre no abysmo do nada; — mas ha tradições que ficam, permanecem firmes, inabalaveis, senhoras do campo devastado.



ALEXANDRA, PRINCEZA DE GALLES

Ha no anno um certo numero de dias que todos almejam para desafogar as quotidianas oppressões.

Entre esses dias festivos, queremos fallar hoje da festa dos Reis.

Nas cidades limita-se muitas vezes a um jantar de familia, com o competente bolo dos Reis, fornecido pela confeitaria visinha, e de ordinario acaba por uma soirée familiar.

O uso do jantar e do bolo dos Reis provem, não da commemoração da Epiphania, ou visita de adoração dos Magos ao Menino Deus, nem por ser aquelle dia consagrado pela Igreja á lembrança do baptismo de Jesus-Christo, mas antes do facto de ser anniversario das Bodas de Cana, ás quaes assistiu o divino Salvador.

Abandonavam-se os nossos pais n'aquelle dia, aos impetos de uma alegria que já não permite o positivismo deste ultimo quarto do seculo XIX.

A' noite, tomavam elles lugar á mesa da familia e sorteyavam essa pacifica realza da fava, á qual podiam pretender senhores e servidores. Manjares simples e sem *menu*, como nos dias antigos, carneiro, leitão ou gallinhas gordas, vitelo, fructos, carregavam a mesa cercada por um povo chilreador de meninos. Vinhos generosos enchiam as taças do festim e despertava em todos lhanos risos, ditos chistosos, que tanto divertiam os nossos antepassados.

O bolo, preparado pelas lindas mãos das moças da casa, encerrava a fatidica fava que devia designar o rei. Quando a sorte tinha trazido a um dos assistentes uma ephemera realza, exempta de inquietações e dissabores, transbordava a alegria de todos. O novo rei levantava a taça, e, ás repetidas acclamações, esvasiava este calix sem amargura e sem lia.

Tal é a usança antiga, conservada em algumas casas,

onde as horas fugitivas escoam-se com desesperadora rapidez, ao vêr dos convivas.

No campo, onde de ordinario o povo é mais arraigado ás suas crenças, a seus velhos costumes, a festa conserva o seu cunho tradicional.

Na vespera, apenas o crepusculo principia a descambar para a soberana das trevas, um certo rumor desusado annuncia logo um movimento festivo. De cada casa sahe um rapaz ou uma rapariga vestida garridamente, de viola e tiracollo e castanholas na mão, que caminham direito a certo ponto, onde vão tr outros e onde finalmente se forma o grupo das *jauciras*.

Formando o grupo, principia a percorrer o povoado: cantando, dançando, parando em muitas casas, e banquetando-se com a refeição que ali os espera.

O cangirão de vinho ou a garrafa da *branca*, passa de



O NILO, JUNTO A' CIDADE DO CAIRO

boeca em boeca, communicando a todos um certo calor que os excita e anima, e que lhes faz brilhar os olhos, accendendo-lhes a inspiração.

E a viola sôa cada vez mais ardente, as castanholas estalam mais buliçosas, a voz do trovador torna-se mais harmoniosa e cadente, e a dansa progride em crescente jubilo.

Ouve-se então um conjuncto de sons heterogeneos, que se harmonizam e casam de modo a deliciar o tympano mesmo o mais rebelde. E' o barulho dos pés, batendo no soalho; os gemidos da viola, o estalar das castanholas, a voz do trovador, o tremer dos moveis, o ruje-ruje das roupas que reunidas formam um conjuncto que alegra, que convida a ouvir-se.

E quando meia hora depois, o grupo despede-se e vai em demanda de outra casa, uma vaga saudade apodera-se da gente, — porque aquella musica semi-selvagem tinha tido o encanto de communicar a todos uma certa alegria desusada, mas boa e verdadeiramente sincera.

Em Portugal, de onde veio esta usança, o grupo das *janeiras* é recebido em cada casa em torno da lareira onde arde um bom fogo. Enquanto a neve cobre os campos com o seu vasto lençol e o vento sibila na chaminé, a lenha crepita no lar e os trovadores batem-se ao desafio.

A cada copla feliz, o trovador é festejado com uma salva de applausos. E' nessa occasião que melhor se pode admirar a facilidade improvisadora daquella gente rude, simples e sem instrução. Vê-se allí manifestar a musa popular sem rebuço e com uma espontaneidade verdadeiramente admiravel.

Cada trovador é um poeta decidido e um improvisador de fogo.

Mal acaba a copla, allí vem a resposta logo, immediata, cheia de verve, palpitante de felicidade e perfeitamente adequada.

E o primeiro, se não quer ceder a palma da victoria ao seu adversario, responde logo, ainda melhor, ainda com mais graça e naturalidade.

E as coplas cruzam-se de parte a parte com um denodo imitavel, ao som da viola, que não pára um instante nas mãos dos incansaveis trovadores.

Depois, terminada a luta, o vencedor recebe as felicitações da assembléa e em seguida dá a voz de marcha.

E o grupo segue para outra casa.

No Brasil, ainda que de vez em quando se vê o desafio entre os trovadores das *janeiras*, porém é isso raro. Em Portugal é característico e constante.

## BIBLIOGRAPHIA

Dos Srs. Aguiar & Furquin Werneck recebemos uma curiosa folhinha para o anno de 1883, contendo os retratos de varios dos nossos homens notaveis, anedotas, charadas, receitas de doces, etc.

E' livrinho de utilidade para as familias, e que tem a vantagem de não custar nada.

### O Dr. Thomaz Delfino dos Santos

Os doutorandos da Faculdade de Medicina elegeram para seu orador, este anno, um moço cujo nome obriga a talento: — o Dr. Thomaz Delfino dos Santos, filho do Dr. Luiz Delfino dos Santos.

O discurso proferido pelo digno escolhido, na cerimonia do gráo, justifica a escolha: é animado, entusiasta, exuberante mesmo, como se o Sr. Dr. Thomaz dos Santos não quizesse esquecer, naquella hora solemne, que se era filho da Escola, tambem era filho do poeta, e de poeta vigoroso e fulgurante. As imagens e comparações, o rhythmo dos periodos, trazem o cunho da consanguineidade entre elle o seu distincto pae. O discurso tem vida, revela talento e elevação de espirito. Que o Sr. Dr. Thomaz Delfino dos Santos nos dê, além do medico, um orador ou um escriptor, é para desejal-o e esperal-o.

## CIVILIDADE

### A POLIDEZ NO HOMEM

Os homens devem apresentar-se de casaca preta e gravata branca nas seguintes circumstancias:

Jantares, bailes, reuniões, espectáculos, onde as senhoras se apresentam sem chapéu e decotadas.

Missas de casamento,

Missas de sétimo dia,

Solemidades officiaes,

Para uma visita durante o dia, que não é official só se admite *croisé*.

Um moço que se apresenta a um superior para pedir um emprego, não andarã mal apresentando-se de casaca, posto o possa fazer de sobrecasaca.

Nunca se põe lenço branco sinão com casaca.

Ha muito tempo que está abandonado o collete branco para o vestuario de cerimonia; hoje a moda impõe o collete preto excessivamente aberto; com ou sem transparente.

O homem só deve offerecer a uma senhora a mão ou o braço direito, seja em que circumstancia for; primeiramente porque o lado direito é o lado de honra; depois porque si o cavalheiro fór militar e estiver fardado, a sua espada, si elle dêsse o braço esquerdo, iria embarçar-se no vestido da dama: porque finalmente as figuras da quadrilha são combinadas para isso, e não é possivel adoptar ora uma maneira, ora outra.

Um homem não deve nunca ir visitar senhoras acompanhado de um cão, a menos que ellas não lhe hajam pedido com particular insistencia que lh'o leve.

E' muito justo que os homens se conservem cobertos nos sitios publicos em que toda a gente está coberta; mas é verdadeira impolidez que, n'uma repartição ou n'um escriptorio em que os empregados e o chefe estão descobertos, os clientes se julguem com o direito de ficar com o chapéu na cabeça!

Todavia, é tolerado esse uso; mas o homem polido costuma abrir excepção a essa regra e ganha assim mais consideração.

N'um carro, mesmo fechado, o homem conserva o chapéu na cabeça em presença de uma senhora.

O homem deve deixar de fumar em todo lugar publico fechado, onde podem entrar senhoras.

Deve igualmente sacrificar o seu charuto quando encontra uma senhora do seu conhecimento n'um sitio publico, ou quando entra n'uma casa.

E' de muito mau gosto deixar a ponta do charuto na antecâmara ou na escada para apanhal-a ao sahir, é inconvenientissimo estar de charuto na mão, a conversar com uma senhora que se respeita.

Não é tambem de bom tom accender o charuto na antecâmara antes de sahir.

LUÍZA D'ALQ.

## POESIA

### CELESTE

E tão divina angelica apparencia  
E a graça que illumina o rosto d'ella,  
Que eu concebêra o typo da innocencia  
Nessa criança immaculada e bella.

Peregrina do céu, pallida estrella  
Exilada da etherea transparencia,  
Sua origem nem pôde ser aquella  
Da nossa triste e misera existencia.

Tem a celeste e ingenua formosura  
E a luminosa aureola sacrosanta  
D'uma visão do céu, candida e pura.

E quando os olhos para o céu levanta  
Inundados de mystica doçura  
Nem parece mulher — parece santa.

ADELINO FONTOURA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### A PRINCEZA DE GALLES

A *Estação* apresenta hoje na sua galeria de mulheres notaveis uma das mais formosas e aristocraticas princezas da Europa.

Filha mais velha do rei Christiano IX de Dinamarca, a princeza Alexandra nasceu em Copenhague a 1.º de Dezembro de 1844. A sua mocidade passou-se toda no seu paiz natal, ora na capital do reino, ora no castello de Orskov. Tendo 19 annos de idade foi pedida em casamento para o principe de Galles herdeiro presumptivo do throno da Grã-Bretanha, realisando-se o casamento a 10 de Março de 1863 na capella de Windsor, a instancias da rainha Victoria que ainda então trajava luto pela morte do seu marido, fallecido em 1861.

A entrada da princeza no territorio Britannico foi uma marcha triumphal, desenvolvendo-se por essa occasião as maiores manifestações de regosijo popular. Effectivamente a graça, a belleza, a fina educação da futura rainha d'Inglaterra, em poucas horas captivaram as sympathias do povo e da aristocracia mais exigente do mundo, tornando-se alvo de *innumeras homenagens*.

Os novos esposos fixaram-se no palacio de Frogmore Lodge, dependência do castello de Windsor, perto do lugar onde a rainha matara elevar um monumento ao principe Alberto. Foi ali que nasceu em Janeiro de 1864 o seu primeira filho, o principe Alberto Victor.

Hoje tem cinco annos, dos quaes dois fazem parte da marinha britannica; já fizeram importantes viagens de estudo.

### O NILO JUNTO AO CAIRO

O nosso desenho apresenta a cidade do Cairo no Egypto, que acaba de ser o teatro dos ultimos successos da guerra que a Grã-Bretanha levou a esse paiz, provocada pelo famoso Arabi. Ahi se vê o Nilo, o pai dos rios, em toda sua magestade, antes que se separe formando o Delta. A parte que se vê apenas a menor, posto que a mais pitoresca; os edificios são do antigo Cairo, levantados no proprio terreno onde existia outrora a babilonia egypcia.

Por traz d'esses edificios vêm-se alguns minaretés, o zimbório do tunulo de mamelucos, a cidadela e a mesquita de Mehemet Ali.

No primeiro plano apresenta-se um mercado indigena onde a canna, as tmaras, laranjas e productos ceramicos são offerecidos á concurrencia.

## HORAS DE OCIO

Foi ganho o premio dos problemas n.º 70, 71, 72, pela Exa. Sra. D. Rosa F. uma das que nos enviou a decifração seguinte:

### 70. Chronogramma

Foi nas margens do Piranga que echoou o grito que firou o Brazilpor entre as nações livres.

Sommando o valor das letras empregadas em numerção romana ôtem-se.

$$I+M+D+I+I+C+I+I+X+I+L+C+L+I+V = 1822$$

### 71. Cryptographia

Começa a lêr-se pela penultima letra indo para traz de duas em duas letras e chegado ao principio volta-se do mesmo modo no sentido inverso. Encontrar-se-ha a seguinte quadra de Bocage.

Quando vires o juiz  
Muito unido ao escrivão,  
Tome alento; é signal certo  
Que a justiça anda em leilão.

### 73. Recreio geographico.

Acha-se mais nos 23 nomes de lugares do Brazil, alterando a ordem os dois rifões.

Mais vale tarde do que nunca  
Cria fama e deita-te a dormir.

Para a decifradora feliz dos seguintes problemas temos como premio um romance.

### 73. Polygraphia do Cavalleiro

Q O P I A S N M  
S R E A R E Q O  
I D O S S S I E  
O F L O Q O S O  
I A S I E X M P  
R A O U T O S E  
B M A C S O O A  
M N E I C N E H

### 74. Problema geometrico

Cortai o pedaço de papel da forma abaixo representada, em dois cortes de modo tal que reunidos os pedaços resulte a figura de um quadrado perfeito.



### 75. Homonymos

Composta pela Exma. Sra. D. Virgínia de C. P.

Se canto e chio sôu feminino  
Se ardo e fumeço, masculino.

NEMO.

N. B. — Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a Nemo, no escriptorio desta folha.